

O ATO DE LER E A PANDEMIA: A LEITURA E OS ESTUDANTES DE LETRAS EM TEMPO DE CRISE

THE ACT OF READING AND THE PANDEMIC: THE READING AND LANGUAGES STUDENTS IN A TIME OF CRISIS

André Rafael Herzer¹
deherzer@gmail.com

Izandra Alves²
izandraalves@hotmail.com

Resumo: A leitura sempre foi uma importante ferramenta para auxiliar os indivíduos em qualquer circunstância, desde a obter conhecimentos e informações como também a superar suas próprias crises. Por perceber o isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19 como sendo um período de crise, buscamos averiguar que lugar ocupa a leitura, nos dias de um grupo de estudantes do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Feliz* que aceitaram participar da pesquisa respondendo sobre seus hábitos de leitura durante a suspensão do calendário acadêmico da instituição em 2020. Os dados levantados a partir da pesquisa quali-quantitativa foram cruzados com teorias sobre a leitura e a experiência, principalmente dos autores Michèle Petit e Jorge Larrosa. Como resultado, percebeu-se que os participantes buscaram na leitura e na escrita a possibilidade de auxiliá-los na superação da crise.

Palavras-chave: Leitura, Pandemia, Leitor, Espaço de Crise, Experiência

Abstract: Reading has always been an important tool to help individuals in any circumstance, from obtaining knowledge and information as well as overcoming their own crises. Having in the social isolation caused by the COVID-19 pandemic a period of crisis, we seek to investigate the role of reading for a specific group: students of the Licenciatura em Letras - Português e Inglês course at Campus Feliz from the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). The data collected were crossed with theories about reading and experience, mainly the one by authors like Michèle Petit and Jorge Larrosa. As a result, we perceived that the researched group sought the possibility of overcoming the crisis through reading and writing.

Keywords: Reading, Pandemic, Reader, Space of crisis, Experience

¹Graduado do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) do *Campus Feliz* e jornalista formado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

²Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) do *Campus Feliz*.

1. Introdução

A pandemia do novo coronavírus gerou grandes rupturas. Pode-se dizer que o mundo se transformou naquilo que a antropóloga francesa Michèle Petit (2010) classifica como espaço de crise. De acordo com a pesquisadora, um espaço de crise é aquele que nos faz passar por transformações brutais, gerando impacto em nossas práticas sociais e, até mesmo, em nosso psicológico.

No contexto da pandemia, um espaço de crise – ou, melhor, período – vivido pelos estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Feliz*, foi o de suspensão das atividades acadêmicas. Essa pausa, ou crise, durou de 16 de março de 2020, quando da suspensão das aulas presenciais, até 14 de setembro do mesmo ano, quando as atividades da instituição foram retomadas na forma de Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs).

Como destaca Petit (2010), num período de crise, as pessoas podem redescobrir “a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica” (p. 22). É para observar esse fenômeno que propomos essa pesquisa³. Tendo como público-alvo os estudantes matriculados no curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do *Campus Feliz* do IFRS, buscamos entender o espaço da leitura e da literatura em suas vidas no período de crise gerado pela pandemia e o isolamento social por ela impostos.

Por tratar-se de uma investigação acerca de um estudo de caso em momento de distanciamento social, a coleta de dados para essa pesquisa se deu por meio de questionário *on-line* destinado ao público-alvo (estudantes matriculados no curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do *Campus Feliz* do IFRS). Como destacam Marconi e Lakatos (2011), a técnica do questionário faz parte da observação direta extensiva. Essa técnica de levantamento de informações “é um instrumento de coleta de dados, constituídos por uma série ordenada de perguntas” (MARCONI e LAKATOS, 2011, p. 201). Assim, essa escolha deu-se por apresentar vantagens importantes nessa época de restrições impostas pela pandemia. Isso porque este instrumento de coleta pode ser enviado ao entrevistado sem a necessidade de o pesquisador estar junto no momento de colher as respostas. Outro motivo é o fato de dar maior liberdade ao entrevistado, além de possibilitar o anonimato das respostas e, ainda, o rápido retorno. No caso dessa pesquisa, o *link* para o questionário foi enviado aos diferentes grupos de estudantes do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, no

³ Pesquisa submetida ao Edital IFRS Nº 12/2021– Fomento Interno 2021/2022 e aprovada pelo comitê de pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus Feliz* e pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número 4.877.114, no dia 31.07.2021.

aplicativo *WhatsApp*. Naquele período, estavam matriculados, aproximadamente, cem discentes nos oito semestres do curso.

O questionário criado para coletar os dados necessários para essa pesquisa conta, em sua maioria, com perguntas fechadas, de múltipla escolha e, em menor número, por algumas que possibilitam maior abrangência de respostas. As questões objetivam coletar informações sobre o público-alvo, como, por exemplo, faixa etária e semestre cursado, bem como novas ou intensificadas práticas de leitura durante a pandemia e se houve produção artística ou científica resultante de tais atividades.

De acordo com o que explica Boaventura (2004), essa pesquisa se enquadra nos procedimentos de um levantamento por tratar-se de um estudo de um período específico, que ele denomina como sendo um momento presente. Além disso, explica o autor, tal investigação pode ser caracterizada, também, como fundamental ou aplicada por procurar “aumentar o conhecimento sobre o homem, a natureza e a própria humanidade” (BOAVENTURA, 2004, p. 56).

A apreciação dos dados coletados por meio do questionário deu-se através de uma abordagem qualitativa que “corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável, a índices não previstos, ou a evolução das hipóteses” (BARDIN, 1979, p. 115), contudo, sem deixar de mensurar alguns dados quantitativos acerca dos livros lidos ou produções realizadas. É, também, sob a ótica da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1979), que os dados coletados foram analisados. Conforme explica a autora, a análise de conteúdo “aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1979, p. 38).

De posse dos dados coletados, passamos a discuti-los acerca das importantes contribuições de autores que dialogam com as teorias da leitura, principalmente, às que remetem ao período de crise. Trata-se dos estudos de Michèle Petit, Jorge Larrosa e Nuccio Ordine.

2. Algumas descobertas

O questionário, que chegou aos alunos através da disponibilização do *link* por grupos de *WhatsApp*, foi respondido por 23 estudantes. O formulário era composto por 10 perguntas, sendo nove obrigatórias e uma opcional. Estavam inclusas questões sobre a idade e semestre dos alunos, bem como de hábitos de leitura e lazer durante o período de suspensão das aulas

para averiguar, entre outros, se houve releituras ou leituras de novas obras, a plataforma utilizada para o ato de ler e o que era feito no tempo livre. Oito perguntas eram de seleção, sejam de múltipla escolha ou caixa de seleção que permitiam mais de uma resposta, e duas eram abertas. As questões abertas buscavam averiguar o papel da leitura para o aluno no período de suspensão das aulas e, também, qual tipo de produção sua leitura havia se transformado caso o estudante tivesse assinalado tal opção em questão anterior.

No que diz respeito à idade dos entrevistados, no momento da pesquisa, 11 deles (47,8%) possuíam de 21 a 25 anos; sete (30,4%) tinham de 26 a 30 anos; quatro (17,4%) somavam de 18 a 20 anos e, por fim, apenas um deles tinha mais de 40 anos, correspondendo a 4,3% dos entrevistados.

Quanto ao semestre em que estavam matriculados, sete (30,4%) estudantes que responderam ao questionário informaram estar no 8º semestre do curso. O segundo maior grupo estava no 6º semestre, sendo representado por quatro (17,4%) acadêmicos. Três (13%) deles informaram estar no 7º semestre e outros três (13%), no 2º. Dois (8,7%) estudantes do 1º semestre e dois (8,7%) do 4º também responderam ao questionário, bem como um (4,3%) estudante do 3º semestre e outro (4,3%) que cursava o 9º semestre ou mais.

Ser aluno de um curso superior pressupõe muitas leituras teóricas. Para estudantes de Licenciatura em Letras, acrescentam-se, ainda, a leitura de obras literárias, principalmente as que são classificadas como clássicos. Surgiram, nos relatos coletados, que neste espaço de crise criado pela pandemia do novo coronavírus essas leituras que poderiam ser vistas como obrigação pelos estudantes seguiram ocorrendo, mas dividiram seu espaço com outras atividades.

Nesse sentido, cabe destacar com maior atenção o conceito sobre o momento de crise do qual esta pesquisa se vale antes de adentrar com maior profundidade nas análises de dados. Assim, de acordo com os estudos de Michèle Petit (2010), é possível que se classifique o atual momento pandêmico como de crise. Isso porque, segundo ela, um espaço de crise se estabelece “quando transformações de caráter brutal – mesmo se preparadas há tempos –, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regularização, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados” (PETIT, 2010, p. 20-21).

Assim, diante de toda a transformação social causada pela pandemia do novo coronavírus – como, por exemplo, o aumento do desemprego e da desigualdade social –, podemos dizer, sim, que a realidade global se encaixa naquilo que Petit estabelece como espaço de crise. A autora reforça que esses períodos “despertam feridas antigas, reativam o

medo do abandono, abala o sentimento de continuidade de si e a autoestima. Provocam, às vezes, perda total de sentido, mas podem igualmente estimular a criatividade e a inventividade” (PETIT, 2010, p. 21). Para a autora, há também uma forte possibilidade de que nesses espaços seja possível que as pessoas redescubram o papel da leitura para a reconstrução de si mesmo, desvinculando-a da simples e limitada função utilitarista que ela pode possuir para o público-alvo dessa pesquisa, por exemplo.

Dos 23 estudantes que responderam à pesquisa, 19 (82,6%) afirmaram terem lido livros de literatura no seu tempo livre no período entre 16 de março de 2020 e 14 de setembro de 2020. 11 (47,8%) dos entrevistados também informaram terem lido livros teóricos durante seu tempo livre no período que compreende nossa investigação. Outros sete (30,4%) acadêmicos destacaram ter mantido a rotina de estudos durante o período. Um (4,3%) deles informou, no entanto, ter aproveitado a pausa no calendário para adiantar a realização de trabalhos das disciplinas paralisadas. Já outro (4,3%) estudante leu artigos em *blogs*, jornais e revistas e assistiu vídeos sobre assuntos diversos.

A pesquisa aponta, ainda, que 18 (78,3%) acadêmicos afirmaram terem visto filmes e/ou séries em seu tempo livre. Outros três (13%) aproveitaram os momentos sem compromissos para jogar *videogame*. Ou seja, os estudantes que responderam ao questionário dividiram, em sua maioria, seu tempo entre o lazer através de leituras literárias, do assistir a produções audiovisuais ou jogar *videogame* e a realização de leituras teóricas. Lembramos que esta era uma pergunta de múltipla escolha.

Dos que mantiveram uma rotina de leituras – seja literária (82,6%) ou teórica (47,8%) –, 14 (60,9%) acadêmicos leram novas obras. Outros nove (39,1%) leram novos livros, mas também revisitaram obras já lidas. Dos 23 estudantes que responderam ao questionário, 16 (69,6%) apontaram que essas leituras ocorriam à noite. Quatro (17,4%) realizavam suas leituras pela manhã e outros três (13%), à tarde.

Através do questionário foi possível observar que a escolha da leitura se dava em sua maioria pelo tema do livro escolhido ou por indicação. Em segundo lugar, as escolhas se davam de forma aleatória ou por obras de autores já conhecidos. Houve, ainda, quem realizava suas leituras por meio de clube de leitura ou por necessidade das leituras de aula. Essa era outra questão de múltipla escolha.

Na pergunta de múltipla escolha sobre as plataformas utilizadas para realizar as leituras, 21 (91,3%) dos 23 alunos que responderam ao questionário informaram utilizar-se do livro físico. A segunda plataforma mais usada foi o *notebook*, com 12 (52,2%) pessoas utilizando-o. 10 (43,5%) dos acadêmicos entrevistados informaram usar o celular para realizar as

leituras. Outras sete respostas (30,4%) indicaram o *Kindle*. O PDF impresso era utilizado por cinco (21,7%) estudantes.

Por fim, apenas cinco dos 23 estudantes que responderam ao questionário informaram que suas leituras resultaram em produção escrita. Essa produção variou desde contos e poemas até projetos e artigos.

3. A leitura e os leitores: algumas reflexões

Um dos pontos que chama atenção na investigação acerca da leitura em período de calendário suspenso é de que dos 23 estudantes que responderam ao questionário apenas cinco evoluíram suas leituras para produções escritas. Desses, dois informaram terem produzido artigos e projeto; um produziu artigos, resumos e poesias; e outro, contos e poesias. No entanto, a quinta resposta foi a que mais se destacou entre as demais, pois o entrevistado disse que: “Não resultaram em produções textuais, mas resultaram em conversas muito produtivas com amigos; trocas de conhecimento” (ENTREVISTADO NÚMERO 4).

É, pois, neste contexto que percebemos o que menciona o pesquisador Jorge Larrosa (2019) quando diz que “o importante não é do que fala o texto, mas para que fala, para onde fala, para a pessoa ou pessoas que fala. Na leitura, o texto fala para nós, nos fala: fala para nossa escrita, para nossa conversação, para nosso pensamento, para nossa maneira de viver” (p. 142).

Assim, entendemos por que o resultado de uma leitura manifesta-se para além de uma possível produção textual. Ele é internalizado como experiência, entendida aqui como algo que nos forma e transforma, como teoriza Larrosa (2019), e entra em uma espécie de simbiose com nossa maneira de viver, pensar, conversar e escrever. O que se nota, então, é que o conhecimento e a experiência adquiridos por meio da leitura não foram parar no papel, mas foram trocados e geraram algum tipo de significado. Esse mesmo caminho pode ter sido seguido por aqueles que responderam ao questionário e que não produziram algo textualmente, mas que, talvez, foram movidos internamente pela leitura.

O que se nota, então, é que pelo fato desta investigação lidar com o tema da leitura e tocar em aspectos subjetivos e muito particulares de cada entrevistado, caímos no campo do imponderável e, por conta disso, os efeitos da prática aqui pesquisada são imensuráveis. Contudo, essa característica não diminui ou menospreza seus resultados, pelo contrário, ao adentrar neste território tão amplo e muito particular, os pesquisadores sabem que os

resultados vão muito além de um sim ou de um não. Entre ambos, ou para além deles, há um talvez e nesta imprecisão há um vasto caminho de possibilidades.

Outro elemento que precisamos destacar e que se torna evidente na pesquisa é que nem toda leitura deve resultar em alguma produção textual. Como nos lembra o escritor italiano Nuccio Ordine (2016), “há saberes que têm um fim em si mesmos e que [...] podem desempenhar um papel fundamental no cultivo do espírito e no crescimento civil e cultural da humanidade” (p. 9). É nesse sentido que a leitura literária demonstra o seu papel, no cultivo do espírito e no crescimento civil e cultural de quem lê, como reforça o estudante que respondeu ao questionário dizendo que suas leituras resultaram em produtivas conversas.

No entanto, a visão utilitarista da sociedade moderna acaba por atormentar e, por isso, atrapalhar o ócio criativo. Sentar-se e ler um livro de literatura ou assistir a alguma série não é visto como útil numa sociedade onde “o que não produz lucro é realmente considerado como um luxo supérfluo, como um obstáculo perigoso” (ORDINE, 2016, p.12-13). Por outro lado, ao pensarmos sob o foco do singular para o plural – do ser particular para o ser que convive em sociedade –, a leitura e outras atividades tidas como supérfluas são importantes até mesmo na manutenção da sanidade. Larrosa (1998) observa esse fenômeno também na prática da escrita ao dizer que ela funciona como um espelho pelo qual a mente se conscientiza da sua desordem e volta à sua estabilidade.

É também na manutenção da sanidade que a leitura se insere como de suma importância num momento de crise. A maioria dos relatos colhidos em nossa pesquisa aponta a possibilidade que a leitura abre ao leitor para fugir do seu espaço e submergir em outro totalmente diferente. Entre os relatos de que o ato de ler servia de fuga e refúgio, nos chamou atenção a resposta dada por um dos participantes que diz que a leitura - no período em que não houve atividades no IFRS, *Campus Feliz*, por causa da pandemia do novo coronavírus - foi uma forma de escapar da realidade e reinventá-la. O depoimento diz: “Foi um período difícil para mim, tanto emocionalmente, como financeiramente. Assim, os livros se tornaram o meu refúgio, o lugar e momento em que nada mais importava” (ENTREVISTADO NÚMERO 7).

A citação colhida a partir do questionário *on-line* e aqui replicada corrobora os estudos de Petit (2009), que apontam que as obras literárias “nos abrem as portas para um outro espaço, para uma outra maneira de pertencer ao mundo. Os escritores nos presenteiam com uma geografia, uma história, uma paisagem onde retomamos o fôlego” (p. 79). É recorrente – e clichê – os inúmeros relatos de que os livros nos fazem viajar a outros lugares e a vivenciar outras experiências, ainda mais durante a pandemia do novo coronavírus. Esta prática mostra-

se uma excelente forma de escape da realidade – tão necessário em tempos de crise. Petit (2010) reforça que

o que os leitores descrevem quando se referem a esse salto para fora de suas realidades cotidianas provocado por um texto não é tanto uma fuga, como é dito frequentemente, [...], mas uma verdadeira abertura para um outro lugar, onde o devaneio, e, o pensamento, a lembrança, a imaginação de um futuro tornam-se possíveis (p. 76)

Assim, percebemos que mais do que uma fuga, a leitura é uma forma de encontrar-se com o outro. É preciso aclarar que o fugir da realidade não significa não refletir sobre ela. O que se nota nos relatos colhidos é como os textos lidos foram fundamentais para a suspensão da condição de isolados pela pandemia e impossibilitados de seguir suas vidas acadêmicas em sua normalidade e possibilitar outras experiências. Assim, cada entrevistado se mostrou capaz de, a partir das leituras, buscar formas de superar tais obstáculos.

O ato de ler permite uma troca íntima entre leitor e autor que levam à reflexão e proporcionam experiência. Vale ressaltar que essa troca íntima pode ser expandida, como verifica-se no relato feito por um dos estudantes ao destacar que suas leituras no período de suspensão das aulas do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, do IFRS, *Campus Feliz*, resultaram em interessantes conversas com amigos.

Há, ainda, outro ponto a ser evidenciado neste texto. Trata-se do dado coletado referente à plataforma utilizada para a leitura. Na pergunta de múltipla escolha, o livro foi apontado como a plataforma mais utilizada, sendo seguida por dispositivos eletrônicos como *notebook*, celular e *Kindle*. Com esses dados podemos inferir que encontramos em uma parcela dos estudantes do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês o que a pesquisadora Lucia Santaella classifica como leitor ubíquo.

Santaella (2021) explica que o leitor ubíquo surge do cruzamento entre o leitor movente e o leitor imersivo. O leitor movente, segundo a autora, é aquele “treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais, leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas” (SANTAELLA, 2021, p. 158). Já o leitor imersivo tem habilidades de leitura que se distinguem daquelas usadas pelo leitor do texto impresso ou de imagens. Segundo a pesquisadora, ele “é um leitor imersivo porque navega em telas e programas de leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis” (p. 159). Assim, da mistura desses dois tipos de leitores – o movente e o imersivo – surge esse leitor que transita entre formas e plataformas de leitura, o leitor ubíquo, que encontramos entre os alunos do curso de

Licenciatura em Letras – Português e Inglês do IFRS, *Campus Feliz*, e que responderam ao questionário.

Essa descoberta coloca os estudantes pesquisados entre os que possuem condições de acesso ao mundo virtual, o que em épocas de crise política, financeira e sanitária globais é bom, pois mostra que eles têm condições de acesso aos meios digitais, enquanto grande parte dos estudantes brasileiros não tem. Assim, mesmo que 91,3% dos entrevistados disseram utilizar o livro impresso para suas leituras, não se pode ignorar o uso das plataformas digitais no dia a dia dos estudantes, principalmente, em época de restrições sanitárias, pois sabemos que a maior parte das suas leituras diárias (redes sociais, filmes, séries) são feitas utilizando essas plataformas. Contudo, é o livro impresso, ainda, o preferido entre os estudantes para fins de estudos teóricos e/ou para lazer, o que revela ser a imersão profunda e solitária, talvez, uma necessidade de fuga da crise, neste momento e a ubiquidade, por nos conectar a tudo e a todos a todo o momento, uma prática a ser suspensa, por enquanto.

Neste sentido, cabe retomar o que diz Larrosa (2019) sobre a importância de utilizar um tempo exclusivo para a experiência acontecer. Ele menciona que a experiência exige o silêncio, a pausa, a contemplação e a reflexão. Afirma, ainda, que a sociedade moderna exige dos leitores o excesso de informação, que temos a necessidade de saber de tudo, de estar a par dos últimos acontecimentos. Assim, o pesquisador espanhol garante que não abstraímos nada, que nada nos passa; nada acontece em nós.

Diante de tais reflexões, acreditamos que valer-se das plataformas digitais para a leitura, no caso da maioria dos entrevistados, pode significar distração, excesso de informação, falta de concentração, o que esses estudantes não querem neste momento. Talvez o cansaço das redes sociais e do excesso de informações que vêm por meio da ubiquidade os empurrem para o lado oposto: a imersão contemplativa, já que o momento de distanciamento sanitário também exige a reclusão. O que os dados revelam, então, é que para poder realmente vivenciar a experiência do texto, assim como defende Larrosa (2019), os estudantes participantes da pesquisa, optam por silenciar o exterior e ouvir o texto agir em seus interiores, sem influências e distrações.

5. Considerações finais

O que se pode constatar a partir dessa investigação é que, mais uma vez, está a arte da palavra contribuindo para salvar-nos das crises. Nosso estudo reforça a importância da leitura – principalmente a literária – para a descompressão das pessoas que estão num espaço de

crise. Se em tempos ordinários o ato de ler já é de suma importância para o espírito humano, esse papel fica ainda mais acentuado durante um período de crise. Na pandemia do coronavírus e no contexto de incerteza vivido pelos estudantes do curso de Licenciatura em Letras – Português e Português do IFRS, *Campus Feliz* que responderam ao questionário, a leitura mostrou-se de extrema importância por ser acalento e parceira dos estudantes, bem como é refúgio e companhia de outras pessoas que vivem em espaços de crise – como mostra Michèle Petit em seus estudos. Acreditamos que essa tenha sido a realidade vivida por outros estudantes de curso superior em Letras, durante esse tempo de crise e que não participaram da investigação aqui realizada.

Talvez estejamos dizendo o óbvio, mas ele também precisa ser dito. Ainda mais em tempos de crise. Precisamos reafirmar e chamar atenção para o poder formador e transformador da leitura. Mais do que isso, é necessário destacar essa possibilidade de fuga da realidade que o ato de ler – e tantas outras atividades tidas como inúteis pela sociedade atual – permite e que é tão necessário para se desopilar, para se ter um momento de pausa antes de mergulhar mais uma vez no caos da realidade. Contudo, essa fuga não é paralisante e alienada é, sim, necessária para, como diz Larrosa (2019), que o leitor possa internalizar e viver, verdadeiramente, a experiência com o texto para depois retornar e transformar a si mesmo, ao outro e o entorno. É preciso que se reflita sobre a realidade, porém a reflexão só é possível com o recolhimento e o silenciamento individual para, posteriormente, coletivizar a experiência e contribuir para a (trans)formação que, por sua vez, também não é um fim, é uma constante.

Reforçamos, ainda, que o baixo número de entrevistados que mencionaram que suas leituras resultaram em algum tipo de produção, seja ela acadêmica ou não, não significa que elas não foram significativas e/ou não modificaram os leitores. A movimentação pode ter sido interna. No entanto, entendemos que as reflexões impostas pela leitura e pela experiência por ela proporcionada, juntamente com a vivência do leitor, são mais do que bem-vindas ao papel. Transportar o sentimento formador e transformador proporcionado pela leitura para a produção textual é mais uma forma de voltar o olhar para dentro de si e (re)descobrir-se. Além disso, vemos e acreditamos ser uma forma de criar arte ou compartilhar conhecimento e, assim, ajudar outras pessoas que habitam espaços de crise a encorajarem-se e criarem pontes a fim de moverem-se para além de suas limitadas margens.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. Metodologia de pesquisa. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **Metodologia de pesquisa**: monografia, dissertação e tese. São Paulo: Atlas, 2004. p. 55-58.

LARROSA, Jorge. La ociosidad y la escritura. In: LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**: estudios sobre literatura y formación. 2. ed. Barcelona: Lartes, 1998. p. 183-185.

_____. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1a ed. 2a reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. 1a ed. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2a ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

SANTAELLA, Lucia. O leitor ubíquo e suas consequências para a educação. In: TORRES, Patrícia Lupion (org.). **Ciência, inovação e ética**: tecendo redes e conexões para a produção do conhecimento. Curitiba: Senar Ar-Pr, 2021. p. 155-169.